

Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memorian*) – Walter Zanini

DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)
Rita Lages (UFMG/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

IMAGEM: Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

DIAGRAMAÇÃO: Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: cbha.secretaria@gmail.com

Apresentação

Neiva Maria Fonseca Bohns

Como parte das celebrações dos 50 anos de existência do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), aqui estão os anais do 42º Colóquio, ocorrido na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em novembro de 2022. Tendo como tema geral *Futuros da História da Arte*, o evento homenageou os historiadores que nos antecederam, pelo pioneirismo e resiliência no processo de fundação deste amplo campo de conhecimento, ao mesmo tempo em que lançou o desafio da continuidade do trabalho, a despeito de todas as dificuldades enfrentadas, e com a perspectiva de contínua renovação de métodos e abordagens.

Sete sessões presenciais e simultâneas, com temáticas específicas, propostas e coordenadas por membros do CBHA, atuantes em diversas instituições educacionais e culturais do país ocuparam as dependências da UFRJ, na Ilha do Fundão, durante três dias. Preocupações com os futuros da arte e do patrimônio cultural, sob o ponto de vista dos dinâmicos fluxos de construção e destruição, mobilizaram, com profundidade, as atenções dos pesquisadores. Estudos sobre a historiografia da arte no Brasil apontaram para a necessidade de identificação, reconhecimento e revisão da produção existente, de maneira a garantir a continuidade do trabalho com bases científicas, respeitando as premissas da arte e da cultura, num contexto de constantes transformações.

A oposição entre os conceitos de colonialidade e decolonialidade, com suas variantes, envolvendo processos de reação e de resistência se fizeram presentes em grande parte dos trabalhos. Ocorreram debates sobre as relações entre o trabalho desenvolvido pelas instituições culturais, os públicos participantes e a formulação de novas narrativas para a história da arte a partir dos modos de exposição dos artefatos. Foram investigadas as relações entre o local e o global a partir dos trânsitos, deslocamentos e novos contextos sociais, assim como as intensas trocas entre os campos da crítica e da história da arte na construção de discursos historiográficos, com ênfase especial em abordagens inclusivas e nas investigações ocorridas em regiões habitualmente consideradas periféricas.

A **SESSÃO 1**, que teve como tema *“A crítica e a história da arte na construção de discursos historiográficos”* proposta e coordenada por Lisbeth Rebollo Gonçalves (USP/CBHA), Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPel/CBHA), e Sandra Makowieky (UDESC/CBHA) abriu espaço para apresentação de trabalhos teóricos, como estudos a respeito da gênese da arte contemporânea, assim como de pesquisas de longa duração, sistematizadas ao longo dos anos, e colocada à disposição dos estudiosos sob forma de antologia. Os interesses dos pesquisadores variaram entre o estudo de novos

conceitos curatoriais, exposições retrospectivas, e contribuições específicas da crítica de arte na construção dos discursos historiográficos em diversos estados brasileiros.

Foram lembrados os debates históricos sobre modalidades artísticas que contaram com a participação de membros da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) no Brasil. Por outro lado, receberam atenção especial agentes culturais e grupos de vanguarda atuantes fora dos eixos considerados dominantes. O dispositivo da “exposição” como forma de ativismo que resulta em novas abordagens discursivas foi tratado a partir de fundamentos filosóficos. As possíveis associações entre ensino e história da arte foram consideradas na construção de discursos historiográficos. Importantes questões técnicas ligadas aos direitos autorais que podem interferir não apenas na divulgação de obras de arte, como também na crítica e na historiografia da arte foram discutidas. Associações entre museu, arte, ciência e tecnologia, e a possibilidade de desenvolvimento de projetos transversais foram objetos de intenso debate e trocas de conhecimento.

Sob o título “*Arte exposta: instituições, públicos e Histórias da Arte*”, e partindo da ideia de que “expor arte implica conferir-lhe publicidade, interpretar sua posição histórica e desenvolver formas de inscrever e discutir histórias da(s) arte”, a **SESSÃO 2**, coordenada por Emerson Dionisio Gomes de Oliveira, (UNB/CBHA), Maria de Fátima Morethy Couto, (UNICAMP/CBHA), Marize Malta, (UFRJ/CBHA), abriu espaço para as discussões a respeito das ações expositivas e sistemas de intercâmbio e legitimação em constante construção. Os temas propostos variaram entre a análise de exposições e curadorias específicas, em diferentes tempos e lugares, arranjos geopolíticos presentes em mostras periódicas de arte contemporânea, tanto quanto a participação e engajamento de artistas e agentes mulheres nas salas de exposição e nas instâncias de poder. Temas diversos, como a recepção da arte chinesa no Brasil, as representações brasileiras na Bienal de Dakar e a história da arte africana e seu colecionismo foram igualmente abordados.

Coordenada por Camila Dazzi (CEFET-RJ/CBHA) e Tamara Quírico (UERJ/CBHA), a **SESSÃO 3**, intitulada “*Colonialismos e resistências*”, propôs-se a colocar em discussão as formas de resistência aos processos de dominação, acentuando que a vasta produção artística realizada por conquistadores e conquistados revela dinâmicas de poder e agrava preconceitos sociais. A sessão contou com propostas que discutiram as noções de colonialidade e decolonialidade a partir de contextos espaço-temporais bastante diversos. Em termos gerais, as pesquisas discutiram os processos de violência, apagamento e resistência observados nas relações entre colonizadores e colonizados, que não se encerraram com o pós-colonialismo. O conceito de “outro” e de “autorrepresentação” a partir do pensamento decolonial foi colocado em pauta.

Algumas pesquisas buscaram desconstruir o tradicional modelo de “centro e periferia” e outras mostraram as estratégias de perpetuação dos padrões discriminatórios de antigas colônias, tais como séries de TV saudosistas do antigo Império Britânico.

Muitos trabalhos analisaram obras de indígenas e afrodescendentes, compreendidas como formas conscientes de resistência: inúmeros artistas contestam, por meio de suas obras, a falsa ideia de uma igualdade racial e denunciam o racismo sobre os corpos negros, preconceito que perdura no Brasil desde os tempos da Colônia. Igualmente significativos foram os trabalhos que discutiram os apagamentos e formas preconceituosas de representação da cultura indígena no âmbito da violência estrutural que se estabeleceu desde o início do processo de colonização.

Questionando as tradicionais noções de elite e subalternidade, foi analisada a arte produzida durante os três primeiros séculos do império romano. As classificações que a história da arte canônica deu a objetos produzidos na Índia, na China e nas Filipinas foram problematizadas a partir da análise dos padrões do colonialismo. Arquétipos da história da arte no Brasil considerados emblemáticos para a consolidação de narrativas legitimadoras das relações de dominação estiveram na pauta de discussões. A lógica capitalista do mercado de arte, e a utilização do termo *drag* nas obras de artistas LGBT, foi problematizada.

Coordenada por Clara Habib, Maria Berbara, Paulo Knauss e Vera Beatriz Siqueira, a **SESSÃO 4**, intitulada *Dinâmicas de construção e destruição: os futuros da arte nos espaços públicos* refletiu sobre os processos de edificação e desmonte do patrimônio material e da memória coletiva, revelando projeções sobre os possíveis futuros da arte no espaço público. Paralelamente ao contexto de desequilíbrio climático, em que chuvas torrenciais ameaçam museus e suas reservas técnicas, deslizamentos de terra destroem edificações tombadas, também se constata que processos de esquecimento transformam patrimônios coletivos em “ruínas”, e que apagamentos da memória, desejáveis ou não, podem ocorrer pela destruição de imagens e monumentos considerados heréticos ou controversos. Não obstante, a reflexão sobre a cidade está diretamente relacionada com os conceitos de paisagem e de natureza, e alguns importantes artistas e teóricos já propuseram a restauração de ambientes naturais.

Se as tensas relações entre arte, cultura e ambiente estão presentes nas modalidades de protesto ambiental que colocam em risco obras de arte do acervo de museus, o discurso ecológico que articula preservação natural e cultural aponta para o fato de que a destruição de nossos ecossistemas e tradições pode se converter em ameaça à própria presença do homem no mundo. Em termos de pensamento histórico-artístico, essas situações problemáticas podem nos levar ao entendimento de que todo objeto

material considerado como patrimônio vive em permanente estado de fluxo, e que antigos modelos de concepção do tempo – linear ou cíclico – revelam-se insuficientes para um futuro que se prenuncia caótico e imprevisível.

A **SESSÃO 5**, intitulada *Futuros pretéritos: figurações da historiografia da arte no Brasil*, coordenada por Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA), Fernanda Mendonça Pitta (MAC USP/CBHA), Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/CBHA) e Vera Pugliese (UnB/CBHA), propôs reflexões sobre uma historiografia construída a partir de imagens decorrentes de seus processos de figuração, e não apenas como uma convencional história das ideias. Como a historiografia da arte lida com diferentes temporalidades, modos narrativos, hierarquizações e critérios de valorização, a escrita da história da arte se constituiria, sob essa perspectiva, no âmbito da “figurabilidade” das ideias.

O grupo abriu espaço para o debate da produção teórica da história da arte *no* e *sobre* o contexto brasileiro, entrecruzando modelos teóricos e visuais provenientes de diferentes matrizes culturais e geográficas. Tirando partido das ambivalências constitutivas da expressão “historiografia da arte no Brasil”, igualmente exploraram o trabalho de investigadores que se debruçam sobre temas ou objetos fora das fronteiras nacionais. Os trabalhos apresentados reforçaram a percepção da historiografia da arte no Brasil como trama densa de saberes e não saberes, conhecimentos legitimados e sujeitados, continuidades e descontinuidades discursivas.

Coordenada por Dinah de Oliveira (UFRJ/CBHA), Raquel Quinet Pífano (UFJF), Rogéria de Ipanema (UFRJ/CBHA) e Sheila Geraldo (UERJ/CBHA), a **SESSÃO 6** propôs a temática *História da arte em tempos de de(s)colonialidade*. Novas categorias de análise sobre o pensamento e a produção de artistas e agentes culturais que representam a população negra, assim como imagens produzidas pelos meios da arte ou da comunicação que estruturaram o racismo no Brasil, foram apresentadas e discutidas. Nesse âmbito foram investigadas em profundidade as contribuições de artistas negros(as) e foi discutida a pertinência dos enquadramentos tradicionais na análise da produção artística afrodescendente, assim como no estudo de artefatos, religiosos ou não, de matriz africana; as condições de exposição de objetos ritualísticos do Candomblé foram objeto de reflexão. Trânsitos entre produção artística contemporânea e cultura popular foram discutidos a partir do enredo de uma escola de samba do Rio de Janeiro.

Numa perspectiva feminista, surgiram discussões sobre as relações entre arte e política, assim como nos estudos sobre a representação da mulher na iconografia de massa no período da ditadura militar no Brasil. O artesanato das mulheres do meio rural que lutam contra a opressão econômica do agronegócio também foram objeto de análise. Personagens indígenas ou índio-descendentes representados na

cinematografia brasileira da década de 1970, tanto quanto a arte contemporânea indígena foram temas de debate.

A construção ou reconstrução de histórias da arte que levem em conta as tensões entre as singularidades dos contextos locais e as hegemonias centralizadoras convencionadas pela arte foi o tema da **SESSÃO 7**, coordenada por Almerinda da Silva Lopes (UFES/CBHA), Bianca Knaak (UFRGS/CBHA) e Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA). Em busca de novas possibilidades de investigação, e tendo como título "*Trânsitos, deslocamentos, contextos: estruturas, tensões e narrativas entre o local e o global*", os organizadores reuniram trabalhos em diversos estágios de elaboração, de modo a criar um diálogo sobre narrativas e transbordamentos da arte.

Os organizadores do evento desejam uma leitura proveitosa das pesquisas aqui apresentadas, esperando que as discussões despertem o interesse dos(as) pesquisadores(as) experientes ou iniciantes, que investigam objetos variados e exploram abordagens teórico-metodológicas inclusivas, colaborando na construção de um futuro inspirador e renovador para o campo da história da arte. Os textos aqui apresentados trazem informações de grande relevância para os estudos historiográficos brasileiros, apontando para os novos caminhos a serem percorridos na medida em que forem se constituindo.

Como citar:

BOHNS, Neiva Maria Fonseca. Apresentação. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 13-17, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42/cbha.42.apr>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>